



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS XII
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DO CAMPO**



**A RELAÇÃO DOS JOVENS DO CAMPO COM O SINDICATO
DOS PRODUTORES RURAIS DE PINDAÍ E A ASSOCIAÇÃO
COMUNITÁRIA DE UMBIGUDO E BAIXÃO**

MARCILIO SANTOS RIBEIRO

**GUANAMBI/BA
SETEMBRO/2018**

MARCILIO SANTOS RIBEIRO

**A RELAÇÃO DOS JOVENS DO CAMPO COM O SINDICATO
DOS PRODUTORES RURAIS DE PINDAÍ E A ASSOCIAÇÃO
COMUNITÁRIA DE UMBIGUDO E BAIXÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Educação, Campus XII – Guanambi, como requisito para a obtenção do título de especialista em Educação do Campo, sob a orientação do professor Dr. Domingos Rodrigues da Trindade.

MARCILIO SANTOS RIBEIRO

FICHA CATALOGRÁFICA Sistema de Bibliotecas da UNEB Dados fornecidos pelo autor

R484a

Ribeiro, Marcílio Santos

A relação dos jovens do campo com o Sindicato dos produtores rurais de Pindaí e a Associação comunitária de Umbigudo e Baixão / Marcílio Santos Ribeiro.-- Guanambi, 2018.

19 fls.

Orientador(a): Prof. Dr. Domingos Rodrigues da Trindade.

Inclui Referências

TCC (Pós-Graduação - Educação no Campo) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Câmpus XII. 2018.

1.Jovens do campo. 2.Sindicato dos Produtores Rurais.
3.Associação das Comunidades Rurais.

CDD: 305

MARCILIO SANTOS RIBEIRO

**A RELAÇÃO DOS JOVENS DO CAMPO COM O SINDICATO
DOS PRODUTORES RURAIS DE PINDAÍ E A ASSOCIAÇÃO
COMUNITÁRIA DE UMBIGUDO E BAIXÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Educação, Campus XII – Guanambi, como requisito para a obtenção do título de especialista em Educação do Campo.

Guanambi, Ba 27/08/2018

Prof. Dr. Domingos Rodrigues da Trindade /UNEB (Orientador)

Profª. Dra. Sônia Maria Alves de Oliveira Reis/UNEB (Membro avaliador)

Prof. Esp. Vandearley dos Santos Borges/UNEB (Membro avaliador)

RESUMO: Este estudo procurou entender como o Sindicato dos Produtores Rurais de Pindaí e a Associação das Comunidades Rurais Umbigudo e Baixa têm construído os espaços de formação política para a juventude do campo. A pesquisa foi de cunho qualitativo, utilizando da entrevista como instrumento de coleta de dados. Participaram do estudo 9 (nove) participantes. A investigação apontou que os participantes da pesquisa que estão à frente do sindicato e da associação dos trabalhadores rurais evidenciam a falta de interesse e participação da juventude do campo nesses espaços. Por outro lado, o sindicato e a associação dos trabalhadores rurais, enquanto espaços de luta e resistência política não conseguem atender as demandas dos jovens em questão, talvez, isso tenha contribuído para a pouca participação dos jovens nesses espaços.

Palavras chave: Jovens do campo. Sindicato dos Produtores Rurais. Associação das Comunidades Rurais.

SUMÁRIO

Introdução.....	5
2 Questões metodológicas da pesquisa.....	6
2.1 Abordagem da pesquisa.	6
2.2 Universo da pesquisa.	7
2.3 Sujeitos da pesquisa.....	7
3 Ser jovens: múltiplas concepções.....	10
4 Os jovens do campo e sua relação com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pindaí e a Associação comunitária de Umbigudo e Baixão.....	13
5 Considerações finais.....	17
Referências.....	18

1 INTRODUÇÃO

Os jovens em suas diversas condições, por muito tempo foram invisíveis nas várias categorias sociais, porém a participação dos mesmos nos distintos espaços da sociedade é de fundamental importância. Para muitos/as jovens, o desejo em querer se envolver na formulação de ideias e ações que atendam às necessidades da sociedade, seja no campo político, educacional, cultural, do lazer, porque não dizer, do econômico, é muito grande.

Ainda que, os jovens não sejam a centralidade de pesquisas científicas esse é um campo que vem crescendo concomitantemente com a militância de jovens na busca pelos os espaços tendo destaque o meio rural, que é um espaço marcado por lutas árduas. Entre o “ficar e sair” do campo existe uma migração dos/as jovens para espaços urbanos, haja vista que acontece uma desvalorização do campo em detrimento a cidade. Castro (2009, p. 183) nos ratifica que:

Contudo, os movimentos sociais rurais no Brasil são, hoje, palco do surgimento de novas organizações de *juventude* como ator político. Isto é fortemente observado em movimentos como MST (movimentos dos Trabalhadores Sem Terra), no Movimento Sindical de Trabalhadores Rurais e em organizações religiosas evangélicas e católicas.

A demarcação da “fase jovem” está relacionada a uma variedade de fatores: contexto histórico, social, político e econômico em que o sujeito se insere. “Assim, se é um fato que juventude é uma experiência individual transitória, temos que analisar o que ela representa hoje como categoria analítica e principalmente como categoria social.” (CASTRO, 2009, p. 188).

O meu interesse em pesquisar a juventude campesina, emerge da intrinsecamente relacionada com a minha vivencia e militância no campo. O recorte por essa temática se deu por ser jovem de origem campesina, e por conhecer a trajetória, assim como experiências e vivências com jovens do meio rural, e principalmente por ter que sair do campo do meu município, para ir para outro estado trabalhar no corte de cana, na tentativa de contribuir com a renda familiar, e também por atuar como membro da associação dos produtores rurais da comunidade rural de Umbigudo a partir do ano de 2010, situada no município de Pindaí, Bahia. Por isso, a participação dos sujeitos jovens nesses

espaços se torna importante, pois assim, se constituem como protagonistas da própria trajetória em prol dos trabalhadores e trabalhadoras do campo.

Ao minha inserção nesse espaço, bem como no curso de especialização em Educação do Campo da Universidade do Estado da Bahia, Campus XII tem suscitado algumas indagações, tais como: Por que os jovens saem do campo? Qual a relação dos jovens do campo com o Sindicato dos Produtores Rurais de Pindaí e a Associação Comunitária de Umbigudo e Baixão?

Nessa linha de pensamento, propusemos entender como o Sindicato dos Produtores Rurais de Pindaí e a Associação das Comunidades Rurais Umbigudo e Baixa têm construído os espaços de formação política para a juventude do campo.

Na perspectiva de alcançar tal propósito, elaboramos os objetivos específicos:

- Identificar os espaços de formação política voltados para a juventude do campo construídos pelo Sindicato dos Produtores Rurais de Pindaí e a Associação das Comunidades Umbigudo e Baixão;
- Analisar a participação dos jovens no Sindicato dos Produtores Rurais de Pindaí e na Associação das Comunidades Umbigudo e Baixão.

Para isso, esse trabalho vem somar forças para que a juventude ganhe visibilidade como agentes reflexivos, ativos e autônomos, podendo assim subsidiar nas políticas públicas de juventude do campo e da cidade.

Sendo assim, espera-se que as reflexões propostas por esse trabalho sirva como ferramenta para fortalecer a força jovem no campo. Além disso, agregar-se às pesquisas que problematizam as questões e contradições que atravessam a juventude, seja ela do campo ou da cidade.

2 Questões metodológicas da pesquisa

2.1 Abordagem da pesquisa

A pesquisa foi de cunho qualitativo, para abranger o ser humano de forma integral, sendo assim, [...] a abordagem qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que os seus

pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender ou interpretar os fenômenos em termos dos significados em que as pessoas a eles conferem (DENZIN; LINCOLN, 2006, p.17).

Nessa mesma linha de pensamento, Minayo; Deslandes; Maria. (2008, p. 27), vem nos dizer que,

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

Procurando ser coerente com a abordagem da pesquisa, me inserir na realidade social, nas estruturas e nos espaços escolhidos para o desenvolvimento da investigação, buscando assim, um envolvimento com os instrumentos, objetos e sujeitos da pesquisa.

2.2 Universo da pesquisa

A pesquisa foi realizada no município de Pindaí-BA, localizado na região da Serra Geral, Sudoeste do Estado da Bahia. Segundo o IBGE (2010), Pindaí possui 15.616 habitantes, sendo que uma maior parte reside no meio rural. Seu nome é de origem indígena – do Tupi-Guarani – e significa Rio da Pesca ou Rio do Anzol.

No que se refere aos aspectos socioeconômicos, a maior parte da população se serve da produção agrícola, tais como: sorgo, feijão, milho, algodão, mandioca. Entretanto, esse município e toda a região vivem um longo período de seca nos últimos 47 anos, e isso provoca reflexos tanto no cultivo de lavouras quanto na criação de bovinos, suínos, caprinos, equinos, entre outros. A unidade de pesquisa foi o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pindaí e a Associação Comunitária dos Produtores Rurais de Umbigudo e Baixão.

2.3 Sujeitos da pesquisa

O Estudo teve como colaboradores, o presidente do Sindicato do Trabalhadores Rurais de Pindaí-BA, o presidente da Associação Comunitária dos Produtores Rurais de Umbigudo e Baixão. E sete jovens que já mantiveram contato com esses espaços. Não utilizarei os nomes dos entrevistados para manter o anonimato, colocando o nome de representatividade de cada sujeitos nos espaços da pesquisa. Sendo assim, a pesquisa contou com 9 participantes entrevistados, em que a função, sexo, idade e estado civil se encontra expresso no quadro abaixo.

Quadro 1 – Dados dos participantes da pesquisa

Participantes	Idade	Sexo	Escolaridade	Ocupação	Estado civil
Presidente do sindicato	50	Masc	Ensino médio completo	Lavrador	Casado
Presidente da Associação	36	Masc	Ensino Técnico	Técnico em Radiologia	Casado
Filiada de Comunicação Geral do Sindicato	23	Fem	Ensino Superior incompleto	Estudante e lavradora	Casada
Filiada da Associação e sindicato	33	Fem	Ensino Superior incompleto	Dona de casa e Estudante	Casada
Filiado 1 da Associação	33	Masc	Ensino Médio Completo	Lavrador	Solteiro
Filiado 2 da Associação	22	Masc	Ensino Médio Completo	Lavrador	Solteiro
Filiado 3 da Associação	28	Masc	Ensino Superior Completo	Lavrador	Solteiro
Filiado 4 da Associação	34	Masc	Ensino superior incompleto	Lavrador	Casado
Filiado ao	30	Masc ulino	Ensino médio Completo	Lavrador	Solteiro

Sindicato					
-----------	--	--	--	--	--

Fonte: (elaborado pelo autor)

2.4 Instrumentos de coleta de dados

Com intuito de responder às questões e objetivos propostos, além de aprofundar os conceitos presentes no estudo, recorreremos à pesquisa de campo, utilizando os seguintes instrumentos de coleta de dados: Observação e entrevista semiestruturada. É importante ressaltar que as técnicas de pesquisa seguiram roteiros previamente elaborados. Para Triviños (1987, p.146) “o processo da entrevista semiestruturada dá melhores resultados se trabalhar com diferentes grupos de pessoa (professores, alunos, orientadores educacional, diretores sobre as perspectivas da orientação educacionais nas escolas)” [sic]

Esse instrumento de coleta de dados permite um contato direto entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa ao capturar as informações, tal aproximação permite, um conhecimento da realidade social em que se insere, como também permite, perceber as angústias, motivações pessoais, os valores e anseios dos sujeitos.

Vale ressaltar que, obtive um contato prévio com cada participante da pesquisa, por ligação via celular, combinando o local para a realização da entrevista, foi solicitado a cada participante o consentimento para gravar a entrevista. Esse processo aconteceu entre os meses de junho, julho e agosto do ano de 2018. As entrevistas ocorreram no próprio domicílio dos sujeitos da pesquisa, exceto o presidente do sindicato que entrevistei no seu local de trabalho.

As escolhas dos espaços para realizar as entrevistas, foram de suma importância, pois todos entrevistados, ficaram bem confortáveis e a vontade para responderem as perguntas. Não se intimidaram em momento algum diante da gravação, isso fez com que eu explorasse o máximo de cada entrevistado, tornando-se assim satisfatória a coleta de dados.

2.5 Análise e interpretação dos dados

Após a coleta dos dados, a análise foi realizada, inicialmente com uma leitura minuciosa do material coletado buscando estabelecer relação entre as

informações fornecidas pelos sujeitos da pesquisa, com os objetivos e a fundamentação teórica do estudo. Em seguida, buscou-se colocar em evidência aquilo que foi mais recorrente nas falas dos participantes, as impressões do pesquisador.

3 SER JOVEM: MÚLTIPLAS CONCEPÇÕES

O conceito de juventude e juventude do campo está relacionado ao papel que se assume na sociedade, Carneiro; Castro (2007, p.22) salientam que, “a juventude corresponde a um momento no ciclo da vida, caracterizado como um período de transição entre a infância e a idade adulta.” Entretanto, entendemos que para se discutir a juventude é preciso voltar a ótica para os princípios da diversidade e complexidade, uma vez que os jovens estão entrelaçados com a pluralidade de saberes, angústias, anseios, planos e sonhos.

Castro (2008, p. 181) sublinha que,

O debate sobre a categoria “juventude” torna-se central na medida em que as muitas concepções que se entrecruzam definem olhares e, mesmo a atuação do poder público. Permeada por definições genéricas, associada a problemas e expectativas, a categoria tende a ser constantemente substantivada, adjetivada, sem que busque a auto-percepção e formação de identidades daqueles que são definidos como “jovens”.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Carneiro; Castro (2007 p.23) referindo-se à juventude rural, destacam que,

o estudo da juventude rural supõe a compreensão de uma dupla dinâmica social. Por um lado, uma dinâmica espacial que relaciona a casa (a família), a vizinhança (a comunidade local) e a cidade (o mundo urbano-industrial).

As definições traçadas no decorrer da história, ao enxergar os jovens apenas como uma transição de idade da criança até a fase adulta limita-se a juventude. Essa lógica, homogeneiza “o conceito de juventude com base nos limites mínimos de entrada no mundo do trabalho reconhecidos internacionalmente, e nos limites máximo de término da escolarização formal básica” (castro, 2012, p.437-438). Ao olhar para a juventude do campo no Brasil, que na maioria das vezes trabalha arduamente para contribuir com a renda familiar, dificultando assim, que muitos jovens alcancem a educação

básica na idade considerada padrão, é necessário ao tratar da categoria juventude, de quais jovens estamos falando.

Sendo assim, para entender a juventude do campo no Brasil exige-se analisar uma complexidade de fatores constituintes dos diferentes modos de ser jovens. Guimarães (2008, p. 167) salienta que, “o jovem brasileiro vive essa transição de uma forma muito peculiar, numa socialização antecipada e temporã no trabalho”. Seguindo com essa ideia para Oliveira (2013, p. 41) “investigar a juventude no Brasil é investigar a juventude trabalhadora”.

Contudo, vale ressaltar que, as condições impostas pela burguesia implicaram numa tardia organização da classe trabalhadora em prol da democratização de condições melhores de trabalho. Por isso a organização dos jovens se torna imprescindível nesse processo na busca por avanços e permanência no campo.

Os jovens sempre almejam melhores condições de vida, no entanto pelo fato do campo não ofertar, as condições básicas para que esse público possa conseguir êxito nos sonhos almejados, amplia o desejo de sair do campo e tentar a vida em outros espaços. Para Nilson Weisheimer (2005, p. 8), “parecem fortalecer-se mutuamente, criando um círculo vicioso em que a falta de perspectivas tira dos jovens o direito de sonhar com um futuro promissor no meio rural.”

Nesse sentido, há uma carência de incentivos e investimentos para que os jovens possam permanecer no campo, e ter perspectiva e boa qualidade de vida. Trazendo essa análise crítica para nossa conjuntura, percebe-se que o campo é uma ferramenta para o crescimento do capital e que não poderia esperar investimentos por parte dos governantes.

A juventude rural no Brasil é constantemente associada ao problema da “migração do campo para a cidade”. Contudo, “ficar ou sair” do meio rural envolve múltiplas questões, onde a categoria *jovem* é construída, e seus significados, disputados. A própria imagem de um *jovem* desinteressado pelo meio rural contribui para a invisibilidade da categoria como formadora de identidades sociais e, portanto, de demandas sociais. (CASTRO, 2009, p.182).

Seguindo esse mesmo raciocínio, Carneiro; Castro (2007, p.61) falam que,

Nesse contexto, permanecer no campo exige-se pensar em alternativas não-agrícolas tanto para moças quanto para

rapazes ou, ao menos em um modo de fazer agricultura diferente da realizada por seus pais. Observa-se aí, uma mudança de valor atribuído à agricultura, compartilhado, em muitos casos, pelos próprios pais que querem poupar seus filhos das dificuldades e sofrimentos que passaram.

Essas argumentações fortalecem que a pesquisa é um instrumento que venha a dar visibilidade aos jovens diante dos múltiplos desafios entre o “ficar e sair” do meio rural, apesar de vários jovens deixarem o campo e tentar êxito na cidade ou outros espaços que não sejam os seus locais de origem, existem muitos jovens do campo que,

Mesmo não relacionando seu futuro à agricultura, muitos jovens preferem continuar morando na localidade rural, mas sem abrir mão do acesso à educação e os novos campo de conhecimento como a informática, por exemplo, que permite abrir as janelas do mundo rural para um universo desconhecido e ilimitado. (CARNEIRO; CASTRO 2007, p. 63).

No entanto, o acesso à tecnologia, aos meios de comunicação e lazer é uma das muitas reivindicações da juventude camponesa. “A cidade não é mais o único caminho para ter acesso a esses bens o que a meu ver, constitui uma das mudanças mais relevantes que identificamos no mundo rural.” (CARNEIRO; CASTRO, 2007, p. 63).

Para além do “ficar e sair” do campo a relação dos jovens com o meio rural se dá também com o mundo do trabalho inerente ao espaço em que vive, pois o trabalho e seus efeitos diferencia o ser humano dos outros seres, é no contato com o solo, com a agricultura familiar, o acesso à educação e à tecnologia (mesmo que simples) que os jovens vão conquistando seu espaço marcando sempre a luta árdua, para a efetivação do direito de permanecer ou sair do campo. No entanto “A valorização das localidades de origem em oposição à cidade grande tem como principal parâmetro a violência que vem assustadoramente tomando conta do cenário das grandes cidades brasileiras” (CARNEIRO; CASTRO 2007, p. 64).

Desse modo, a juventude do campo, encontra-se à margem das políticas de acesso à educação e mais ainda do lazer e atividades básicas ao desenvolvimento integral dos jovens. Isso não significa que os jovens das cidades estejam acessando tais bens de forma satisfatória. Estamos entendendo que a ausência de políticas públicas acaba sendo um estímulo acelerador do afastamento do jovem do campo, ao tempo em que não lhe são

ofertadas possibilidades de usufruto delas em seu lugar de moradia, o que cria um mundo de incertezas e angústias, mas que também surge como um instrumento de fortalecimento dos jovens na luta pela melhoria da qualidade de vida no campo e da efetivação dos seus direitos enquanto jovens sujeitos de direitos.

4 OS JOVENS DO CAMPO E SUA RELAÇÃO COM O SINDICATO DOS PRODUTORES RURAIS DE PINDAÍ E A ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DE UMBIGUDO A BAIXÃO

Os espaços investigados nessa pesquisa se delimitou no Sindicato dos trabalhadores Rurais de Pindaí-BA que foi fundada em 23 de setembro de 1979 e na Associação do Produtores Rurais de Umbigudo e Baixão fundada e reconhecida em 15 de novembro de 1994. Nesses espaços participei de duas assembleias em ambos os espaços e percebi uma carência da participação da juventude nos mesmos.

Essa minha percepção foi confirmada pelo presidente do sindicato na entrevista.

A participação dos jovens ela ainda é meio tímida, nós ainda está no processo de tentar trazer esse jovem para junto da entidade, mas nós sentimos que o sindicato é uma entidade que está meia envelhecida, tem mais gente participando com idade mais avançada do que os jovens propriamente dito, mas nós estamos fazendo grupo de formação, para poder chamar atenção das pessoas e também mostrar para eles a importância da entidade para que possa estar chegando mais perto da entidade (PRESIDENTE DO SINDICATO, 2018).

Ao colocar essa mesma questão ao presidente da associação, ele salientou que,

Ainda tem muita carência, pelo jovem... por causa que o jovem hoje ele, ele busca muito o campo de trabalho, questão de remuneração e como a associação, não tem, tanto desenvolvimento, pra vim questão de retorno financeiro, né? Então o jovem acaba tendo essa visão de sair pro mundo, talvez até trabalhar na área mesmo como corte de cana, outros colheita de café, mas, é buscando mais questão de remuneração. Então tá um pouco falida em relação da participação dos jovens. (PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO 2018).

As narrativas dos participantes da pesquisa que estão à frente do sindicato e da associação dos trabalhadores rurais evidenciam a falta de

interesse e participação da juventude do campo nesses espaços. A juventude das comunidades pesquisadas tem sido mobilizada muito mais pela questão da remuneração, do que pela participação política nos assuntos das comunidades. Diante disso, percebe-se, que a juventude não se envolve efetivamente nesses espaços.

No sentido de reverter o quadro do pouco envolvimento dos jovens com as questões da comunidade, o presidente do sindicato dos trabalhadores rurais de Pindaí, ressaltou que,

[...] nós trabalhamos a questão da formação, questão da formação dos jovens, tentar trabalhar isso para que ele possa entender o processo. O jovem basicamente ele, ele é vinculado à família do agricultor, os projetos que se tem temos atendem a família porque o jovem ele é mais... porque os jovens ele é mais específico, é uma questão especial, por que? Porque ele está chegando agora para o mundo do trabalho e precisa ter uma atenção especial, nós estamos tentamos trabalhar a formação política sindical desse jovem.

O presidente mencionou que procura atrair os jovens “com projetos que a gente busca sempre junto com parceria com banco, mas ainda não é atrativos para os jovens.” (PRESIDENTE DO SINDICATO, 2018).

Fica evidente que não há um projeto específico para o público jovem, que possa atrair os mesmos, como salienta a filiada à associação e ao sindicato,

No sindicato normalmente eu não frequento muito assim as reuniões, que sempre tem feito reuniões lá, eu pago anualmente no sindicato, e na associação de vez enquanto eu participo, não sou frequente também não, por que eu vejo que as questões das mulheres, não participa muito, ai a gente fica meio constrangida de participar. E o meu vinculo é só como ouvinte. (FILIADA A ASSOCIAÇÃO E SINDICATO, 2018).

Diante das falas dos entrevistados fica evidente que o sindicato e a associação dos trabalhadores rurais, enquanto espaços de luta e resistência política não conseguem atender as demandas dos jovens em questão, talvez isso tem contribuído para a pouca participação dos jovens nesses espaços. Os jovens que frequentam não se sentem contemplados e a participação se torna tímida, ocupando o lugar apenas de ouvintes.

Vale ressaltar que, uma questão que também ficou evidente na pesquisa, diz respeito à mínima presença das mulheres nesses espaços.

Problemática que necessita ser estudada em outras pesquisas, no sentido de analisar a participação do público feminino nos espaços de formação política. O que existe por trás dessa não participação das mulheres no sindicato e na associação? É uma questão que merece reflexão.

Ainda sobre a participação, o entrevistado filiado ao Sindicato salienta que já houve algum curso para os jovens. “Acho que era um curso que tinha, entendeu, nesse tempo, agora não estou lembrado que curso era, mas faz tempo”. (FILIADO NO SINDICATO, 2018).

Percebe-se que há uma tentativa tanto do sindicato quanto da associação em atrair a juventude, porém as estratégias traçadas para esses fins, não estão atendendo as demandas da juventude camponesa.

3.2 Jovens do campo e o trabalho

Com a realização da entrevista foi perceptível que os jovens mantem um contato com a agricultura, trabalham em suas terras e contribuem ou já contribuíram de alguma forma com a renda familiar. Como diz o entrevistado filiado ao sindicato

Eu fui pro estado de São Paulo, lá eu trabalhei em empresa, indústria mesmo, como eu morei um tempo, eu morei seis anos no estado de São Paulo, na região de Campinas, porém, também interior, mas eu morava já na cidade, meu primeiro emprego lá foi numa indústria de fábrica de óculos, trabalhei no período de um ano e trabalhei em outras empresas também, mas, mais indústrias mesmo. (FILIADO NO SINDICATO, 2018)

Esse mesmo jovem salienta que já precisou trabalhar para ajudar no sustento da família.

Teve um período ai que eu tinha 17 anos de idade, teve uma exploração muito tempo atrás foi da Vale do rio doce, exploração de ferro, naquele local que ela explorou ficou resíduos de minério, e apareceu um pessoal em Caetité que comprava esse minério, aí a gente foi explorar ignorante esse minério ilegal também, tinha um grupo de pessoas e ali a gente conseguia a renda ali. Pra gente sobreviver, naquele tempo não tinha garantia safra ou bolsa família, pouca gente era contemplado e a região seca e a gente não estava conseguindo sobreviver da roca mesmo. E ali eu ajudava meu pai. (FILIADO NO SINDICATO, 2018)

A fala desse jovem filiado ao sindicato dos trabalhadores rurais revelam algumas problemáticas importantes: por um lado, a exploração ambiental e

também a de mão de obra dos jovens do campo, questões que foram bastante discutidas no curso de Especialização em Educação do Campo. Por outro lado, a importância das políticas públicas de fortalecimento do campo.

Ao ser indagado sobre o vínculo com a agricultura familiar o jovem respondeu com muita emoção e felicidade, pois o mesmo já saiu do campo para trabalhar nos grandes centros, e se sente feliz por retornar para o campo e manter seu próprio sustento. A fala a seguir do jovem, além de demonstrar a sua ligação com a terra, evidencia um processo de reprodução social da vida no campo e a herança da terra.

Meu vínculo com a agricultora familiar, ali, ali tá minha vida, já morei em outros estados e em outras cidades desenvolvidas, mas quem sai da terra, a tendência dele é retornar, pra sua terra e eu carrego isso comigo, que é de herança dos meus pais, meu pai ensinou eu trabalhar, trabalhar com a terra lidar com a terra e tentar buscar o próprio sustento. (FILIA DO NO SINDICATO, 2018).

Salienta outro jovem entrevistado que já saiu do seu local de origem para buscar emprego em outros espaços, “Eu já fui para o estado de São Paulo e Minas Gerais, trabalhei no corte de cana e como gesseiro” (FILIA DO 1 A ASSOCIAÇÃO. 2018) Esse mesmo jovem menciona que já trabalhou para contribuir com a renda familiar, “já sim, já trabalhei no serviço rural para ajudar meu pai.”

Sendo assim, fica evidente que a maioria dos jovens decide sair do campo para buscar emprego nos grandes centros, porém sempre mantem o desejo de voltar para o seu local de origem. Percebe-se que, os jovens ficam a margem de políticas públicas de permanência no meio rural.

3.3 Os jovens e as atividades de lazer

Tendo em vista que o lazer é “conjunto de ações escolhidas pelos sujeitos para diversão, recreação e entretenimento, num processo pessoal de desenvolvimento” (DUMAZEDIER, 1979 apud ALMEIDA; GUTIERREZ, 2004, p.51), foi perguntado aos jovens quais são as atividades de lazer que eles vivenciam no campo. “As atividades de lazer é jogar bola, futebol, essas coisas assim, aqui mesmo na comunidade.” (FILIA DO 1 DA ASSOCIAÇÃO, 2018)

Nessa mesma perspectiva de lazer salientou o outro jovem: “o esporte, futebol, pratico aqui mesmo na fazenda Umbigudo, tem um campo aqui, às vezes a gente joga uma bolinha.” (FILIADO 3 DA ASSOCIAÇÃO, 2018).

Percebe-se que há uma carência de opções de lazer no campo. Os jovens se aderem basicamente ao futebol, pois pode ser desenvolvido em espaços simples e não exige de muitos materiais. Contudo, o que se nota é a ausência de investimento por parte do poder público no que se refere ao esporte, cultura e lazer voltado para a população do campo.

Sobre essa questão do lazer no campo, o jovem filiado ao sindicato mencionou que,

Atividade de divertimento mesmo, que quem mora no campo ele se diverte já no levantar do dia, só no ele escutar o galo cantar, ele escutar, o barulho das “criação” já se torna satisfatório, por isso que a maioria das pessoas que é do campo, sai do campo por necessidade, mas quando ele tem consegue retornar pro campo, ele retorna, porque é satisfatório morar na roça e criar os animais é satisfatório, eu considero aquilo ali como atividade de lazer. (FILIADO DO SINDICATO, 2018)

Nesse sentido ficou explicito que os jovens gostam dos lugares onde moram e se divertem com o pouco que tem, o que falta é uma política que atenda as necessidade dos jovens camponeses para que possam permanecer no espaço de origem. A fala desse jovem ao mesmo tempo em que revela o descaso das políticas públicas para os jovens do campo e a negação do direito de ter o lazer no campo, expressa uma sensibilidade e sua relação de afetividade com este lugar.

Considerações finais

Consciente que este trabalho não é apenas uma avaliação final do curso, mas o resultado de um ciclo de formação, da minha formação, por ser militante em prol do povo camponês, me sinto na necessidade de continuar lutando por melhorias em prol da população rural.

Ao finalizar este trabalho é perceptível que os jovens do campo precisam ser vistos com outros olhos, pois os meios em que eles estão inseridos, carece de tecnologia e políticas que atendam verdadeiramente seus anseios e necessidades.

Ao analisar os espaços de formação política voltada para a juventude campesina, ficou evidente que as ações tomadas pelo sindicato e associação dos produtores rurais de Umbigudo e Baixão não atendem o público alvo, “juventude”. Vale lembrar que não podemos culpar os responsáveis pela pouca inserção dos jovens no sindicato e na associação, pois os caminhos são longos para alcançar o modelo de campo e sociedade que queremos, em que todos possam se sentir parte da construção de uma sociedade mais democrática e participativa.

E perceptível que algumas atitudes têm sido tomadas, mais ainda não são suficientes para trazer a juventude do campo como protagonistas dos processos de formação política da sociedade em que estão inseridos. É necessário que a juventude veja esses ambientes (sindicatos, associações) como espaços de lutas para contrapor as imposições da burguesia em relação ao campo e principalmente sobre os processos que colocam a juventude pobre, em particular a do campo, na invisibilidade.

As instituições como os sindicatos, as associações dos trabalhadores rurais precisam desenvolver ações que possibilitem forjar jovens participativos, reflexivos, autônomos, com condições de analisar e entender as contradições da sua realidade social, e desse modo, contribuir na formação dos agentes, transformadores da realidade social, política, econômica e cultural. Os sindicatos e as associações necessitam ser espaços de diálogos, de formação e transformação de vidas.

Referências

CASTRO, Elisa Guaraná de. Juventude rural no Brasil. Processos de exclusão e a construção de um ator político. **Rev. Latinoam.cienc.soc.ninez** jun 7(1): 179-208, 2009.

CARNIRO, Maria José, CASTRO, Elisa Guaraná de. **Juventude Rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

MINAYO, M. C. de Souza; DESLANDES, S. Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes - ed.27, 2008.

IBGE. Censo Demográfico 2010, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010. Disponível em:
<www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_bahia.pdf> Acesso em: 09 set. 2013

GUIMARÃES, Nadya Araújo. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, Helena Wendel. BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). **Retratos da Juventude Brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

WEISHEIMER, Nilson. **Juventudes rurais**: Mapa de estudos recentes. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.